

INSTITUTO	
Documentação	
SOCIOANTROPOLÓGICA	
Fonte	DO.U. nº 163 (seção 1)
Data	25/8/99 Pg 6-8
Class.	TMD 000 05

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO Nº 44, DE 23 DE AGOSTO DE 1999

Assunto: Processo FUNAI/BSB/2813/98. Referência: Terra Indígena SEPOTI. Interessado: Grupo Indígena Tenharim. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/2813/93, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria do antropólogo EDMUNDO ANTONIO PEGGION que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena SEPOTI, de ocupação do respectivo grupo tribal Tenharim, com superfície e perímetro aprovados de 247.859 hectares e 239 km respectivamente, localizada nos municípios de Manicoré e Humaitá, Estado do Amazonas.

INSTITUTO
Documentação
SOCIOAMBIENTAL
Fonte: D.O.U. nº 163 (Seção 1)
Data: 25/8/99 Pg. 6 cont.
Class. TMD 26/2

2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Amazonas, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.

3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada nas sedes das Prefeitura Municipais da situação do imóvel.

MARCIO LACERDA

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA SEPOTI

Referência: Processo FUNAI/BSB/2813/98. Terra Indígena Sepoti. Superfície: 247.859 ha. (Gleba Estirão Grande: 274 ha e Gleba Rio Sepoti: 247.585 ha) Perímetro: 239 km (Gleba Estirão Grande: 07 km e Gleba Rio Sepoti: 232 km). Localização: Municípios de Manicoré e Humaitá, Estado do Amazonas. Sociedade Indígena: Tenharim. Família Linguística: Tupi-Guarani. População: 65 pessoas (1998). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico constituído pela Portaria nº 306/PRES, de 6 de abril de 1998, coordenado pelo antropólogo Edmundo Antonio Peggion.

I - DADOS GERAIS

Existem hoje poucos remanescentes dos grupos que foram denominados Kagwahiva na documentação histórica. São todos falantes da língua Tupi-Guarani, e se autodenominam Kagwahiva: os Tenharim do rio Marmelos, os Tenharim do Igarapé Preto e os Tenharim do rio Sepoti, os Parintintin e os Diahói. Todos eles habitam ainda hoje a região do curso médio do rio Madeira, no estado do Amazonas. Além deste grupos, consideram-se Kagwahiva também os Uru-eu-wau-wau, os Mondawa, os Kariuna e os Juma. Os três primeiros na região do alto Madeira, em Rondônia e o último na região do rio Purus, no Amazonas.

Os Tenharim do rio Sepoti vivem numa aldeia denominada Estirão Grande, localizada no médio rio Marmelos, afluente do rio Madeira e realizam suas atividades produtivas no rio Sepoti. É a identificação e delimitação da Terra Indígena deste grupo que se destina este relatório. Dos outros grupos Tenharim, um está localizado no cruzamento do médio rio Marmelos com a Transamazônica e o outro no Igarapé Preto, localizado ao sul deste segundo grupo.

Desde há muito tempo, os Tenharim reivindicam para si o rio Sepoti. Pelo menos dois antropólogos já comunicaram à FUNAI da existência desta população (Menéndez, 1989; Gonçalves, 1989). Neste tempo todo, muitas tentativas de invasões ocorreram no local, durante as quais os próprios Tenharim resolveram os impasses, apregoando a anterioridade da ocupação. Isto fez com que a área do rio Sepoti ficasse sendo considerada território indígena também pelos regionais, permanecendo parcialmente intocada por agentes exógenos. A área requerida pelo grupo corresponde ao território de ocupação tradicional, contado com vestígios de aldeias, roças, caminhos de caça, pesca e castanhais.

As primeiras referências aos grupos Kagwahiva localizam-nos, por volta de 1750, primeiramente na região do curso superior do rio Juruea, ao lado dos Apiaká. Região praticamente desconhecida das frentes de expansão, foi posteriormente vasculhada pela frente mineradora, que desde Cuiabá avançava para o Norte à procura de novas minas de ouro. Este fato, bem como a guerra com os Munduruku, foram assinalados como causas do deslocamento dos Kagwahiva dessa região para as margens do rio Madeira.

Nesta região, a aproximação dos grupos Kagwahiva com a sociedade brasileira se deu após uma intensa guerra, que perdurou por cerca de 70 anos, entre meados do século XIX e a década de vinte do presente século, só terminando com a ação do SPI - Serviço de Proteção aos Índios e após a instalação definitiva de colocações de seringueiros na região. Curt Nimuendajú foi o principal agente dessa aproximação: contratado pelo SPI, organizou expedições e se fixou no interior do território indígena. Após o trabalho de Nimuendajú, que trouxe para o contato os Parintintin, constatou-se a existência de muitos grupos locais, que se autodenominavam Kagwahiva.

Os Tenharim viveram praticamente isolados até meados deste século, pois entre eles viviam alguns regionais que intermediavam suas relações com o mundo exterior. Trabalhavam na extração de produtos vegetais, como seringa e caucho, que entregavam aos comerciantes, em troca de bens manufaturados. Com o passar dos tempos, os vínculos com estes comerciantes se estreitaram, e os Tenharim estabeleceram com eles alianças de casamento. Alguns continuaram a viver acima das cachoeiras do rio Marmelos, mais próximos das cabeceiras. Entretanto, dois destes comerciantes, casados com mulheres Tenharim, resolveram descer o rio, indo se estabelecer no rio Sepoti, um afluente do Marmelos, na década de 1940. Neste local, fundaram aldeias e a população cresceu. Os descendentes casaram-se com mulheres da aldeia localizada hoje na Transamazônica, mas continuaram a viver no Sepoti. O rio Marmelos, abaixo das cachoeiras até sua foz foi ocupado por muitos núcleos habitados pela população regional, que subia o rio a partir de Auxiliadora, uma pequena vila pertencente ao município de Manicoré. Com a morte por falta de assistência de uma mulher Tenharim, o grupo decidiu transferir-se, por volta de 1980, para uma localidade mais próxima de Auxiliadora, fundando uma aldeia no rio Marmelos denominada Estirão Grande. Entretanto, nunca abandonou o rio Sepoti, de onde retirava todos os produtos necessários à sobrevivência do grupo.

II - HABITAÇÃO PERMANENTE

A aldeia Tenharim da Terra Indígena Sepoti localiza-se na margem esquerda do rio Marmelos, na localidade denominada Estirão Grande. São nove grupos familiares reunidos, ocupando seis casas, sendo que duas delas estão localizadas no lado oposto do rio. Embora estas casas sejam separadas do restante pelo rio, também aí se denomina Estirão Grande. A área proposta para a gleba Estirão Grande contempla apenas o espaço que compreende a aldeia e as roças, pois é exclusivamente o que os Tenharim ocupam no local. Todas as atividades produtivas são realizadas no rio Marmelos, defronte a aldeia e na gleba Sepoti, algumas horas rio acima.


As circunstâncias atuais tornaram imprescindível a identificação da Terra Indígena em duas glebas - Estirão Grande e Rio Sepoti -, pois a distância entre uma e outra, a ocupação da região por não índios e a existência de outras áreas indígenas não permitiriam a identificação de uma área contínua. Entretanto, a residência efetiva no Estirão Grande e o desenvolvimento de praticamente todas as atividades econômicas no Sepoti não deixaram margem para uma opção entre uma e outra área. Antes da mudança do grupo para o Estirão Grande, os Tenharim construíram várias aldeias no Sepoti. Primeiro estabeleceram-se no interior deste rio, mas como na época do verão, quando o rio baixa suas águas, muitos trechos ficavam intransitáveis, resolveram transferirem-se para as proximidades da boca.

Com o falecimento trágico de Raimunda, uma das filhas de Mandoa'i, que com ela residia na aldeia Seringal, localizada na boca do rio Sepoti, o grupo mudou-se para a periferia de Auxiliadora, distrito pertencente a Manicoré. Conforme Mandoa'i, houve muito sofrimento durante a permanência em Auxiliadora, com a execração dos Tenharim do convívio social. Sem qualquer adaptação à vida no distrito e preocupados com a distância do rio Sepoti, o grupo resolveu se fixar em um local intermediário, para que, em caso de urgência, fosse possível chegar a Auxiliadora e Manicoré a tempo. Auxiliadora é um distrito que se localiza na beira do rio Madeira. Por este rio transitam cotidianamente barcos que vêm de Porto Velho e vão à Manaus; atualmente é o meio de transporte mais acessível, que permite chegar à capital do Estado.

A fundação do Estirão Grande data, aproximadamente, dos anos 80 deste século, período calculado considerando-se o falecimento de Raimunda. A TI Sepoti foi, pois, considerada pelo GT como uma Terra Indígena que possui duas glebas, Estirão Grande e Rio Sepoti. Esta decisão tomou em consideração a realidade local e a base constitucional. A soma das glebas que compõem a TI Sepoti são imprescindíveis à sobrevivência do grupo Tenharim do rio Sepoti.

III - ATIVIDADES PRODUTIVAS

Quando os Tenharim do Rio Sepoti partiram da região intermediária do rio Marmelos no sentido de sua foz, vigorava na economia local a coleta de produtos vegetais, tais como a seringa e a sorva. Era um segundo boom da borracha, estimulado pela Segunda Guerra Mundial.

INSTITUTO	
	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	D.O.U. nº 163/Seção 1
Data	25/8/99 Pg 1
Class.	TMD 26 (3)

Neste período, os Tenharim do rio Marmelos viviam sob as ordens de um patrão chamado Delfim Bento da Silva, que intermediava as relações deste povo com a população regional. Este patrão, além de receber a produção indígena, também trabalhava com alguns regionais, que viviam no interior do território indígena. Um deles chamava-se Jacó Pinto, o mesmo que se casou com Mandoa'i e se mudou para o Sepoti. Lá, constituíram aldeia e trabalharam muitos anos na extração, principalmente de seringa e de sorva. A produção era entregue aos regatões que transitavam pelo rio Marmelos.

Até hoje vigora este sistema, conhecido na literatura como "aviamento". Neste modelo econômico, o trabalhador está continuamente devendo para seu patrão. Nos dias atuais, um dos produtos centrais extraídos pelos Tenharim é a castanha, que é entregue aos regatões e obedece ao sistema de aviamento. Entre os Tenharim do rio Sepoti há um trabalho coletivo de coleta. Entretanto, em certos momentos, certos indivíduos, associados a um ou dois outros, entrega sua produção para um regatão, para o qual já está em débito antes mesmo de começar a coleta.

O sistema de aviamento funciona da seguinte maneira: quando, por volta de fevereiro, vai começar a coleta da castanha, o regatão entrega ao índio um "rancho", que são alimentos industrializados suficientes para a sobrevivência nos tapiris, pequenas casas improvisadas, próximos aos castanhais, composto, entre outros itens, de sal, açúcar, café e óleo. Este rancho será pago quando o regatão vier buscar o acúmulo da primeira produção. Quando isto ocorre, o rancho cedido inicialmente já foi consumido e os coletores necessitam de uma nova quantidade de alimentos. Isto gera um círculo vicioso, que faz com que os índios estejam sempre devendo algo ao regatão.

No rio Sepoti, as principais fontes econômicas atualmente são a castanha, o cipó e a madeira. A produção de farinha, associada a estes produtos forma o conjunto de produtos comercializados pelos Tenharim. Em complemento e para consumo próprio, seguem a caça e a pesca. A produção de farinha é realizada no Estirão Grande, onde localizam-se as roças do grupo. Parte é consumida e parte comercializada no mesmo sistema acima referido. As roças medem, em média 50 x 50 metros e operam na forma de produção e espera. Sempre existem, no mínimo duas roças; uma produzindo e outra em período de descanso para o próximo plantio. Nestas roças plantam banana, milho, feijão, melancia, macaxeira e, principalmente, mandioca para a produção de farinha.

Os castanhais do Sepoti são a principal fonte utilizada atualmente. Todo o percurso deste rio possui grandes castanhais que chegam a produzir 800 latas de castanha por ano. Entretanto, no período da safra, o preço da castanha acaba caindo e rendendo poucos dividendos aos índios. Já a extração de madeira é uma atividade recente que tem tomado cada vez mais espaço nas atividades produtivas deste povo. Por ser uma área rica em itaúba e louro rosa, os Tenharim têm se associado a um regatão, de quem recebem 20% da madeira retirada ou de seu valor.

A caça e a pesca são atividades realizadas através da utilização das mais diversas técnicas. Caçam de "Espera" e de "Procura", buscando caças preferenciais tais como a anta, o porco e a paca em unidades de recursos específicas. No caso da pesca, os Tenharim têm encontrado dificuldades no rio Marmelos devido à pesca predatória dos últimos anos. Já o rio Sepoti é farto e muito utilizado nesta atividade. Pescam utilizando caniço, timbó, currico, linha, zagaia e arpão. Excetuando-se o timbó, que é um cipó utilizado como narcótico de peixes, as outras técnicas são realizadas através de instrumentos confeccionados pelos Tenharim.

IV - RECURSOS AMBIENTAIS

A Terra Indígena Sepoti possui várias coberturas vegetais e tipos de solo, tendo conseqüentemente uma variada biodiversidade. A vegetação predominante, entretanto, tanto na gleba Estirão Grande quanto na gleba Sepoti é do tipo Floresta Tropical Densa, o que propicia, devido à luminosidade, água e calor, o aparecimento de um grande número de espécies.

Nas proximidades da área existem algumas Terras Indígenas, a saber, TI Ipixuna e Nove de Janeiro, do povo Parintintin e TI Pirahã, do povo indígena Pirahã. Isto, de uma certa maneira, fornece algumas garantias de conservação ambiental e segurança territorial a todos estes povos. Entretanto, ao sul da gleba Sepoti, a uma pequena distância das cabeceiras do rio, existe um assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, delimitado na altura no quilômetro 180 da rodovia Transamazônica. Com os incentivos recentes ao plantio da soja e o estímulo da utilização do transporte hidroviário, criou-se um corredor de monocultura, que vai do Mato Grosso até o Estado do Amazonas. Neste corredor, qualquer área de campo, está sendo utilizada para o plantio do arroz e, principalmente, da soja.

As regiões de cabeceiras dos rios, tal como o Sepoti, são formadas, basicamente, por campos. Por força do incentivo, este assentamento do INCRA está sendo estimulado também ao plantio da soja. Como esta monocultura requer uma grande quantidade de agrotóxicos, que podem escoar para as águas, o Grupo Técnico tentou garantir todas as cabeceiras deste rio. Entretanto, uma fiscalização se fará necessária no futuro.

Com relação à utilização pela população das áreas identificadas, tentou-se considerar as principais atividades econômicas dos Tenharim. A agricultura, principalmente o plantio da mandioca para a produção de farinha e a coleta de castanha são as principais atividades produtivas do grupo.

Na gleba Sepoti, a principal unidade de recurso é o castanhal. Ocorre também no interior da gleba Sepoti a extração de madeira e do cipó títica. Apesar de serem atividades ainda incipientes, podem se tornar fatores de degradação ambiental, uma vez que a retirada da madeira é feita através do regatão, que paga este produto com bens manufaturados, na mesma sistemática da atividade coletora de castanha. Estas atividades são decorrentes da queda do preço da castanha no mercado e dos interesses locais, que estimulam os índios a explorarem o cipó e a madeira em troca de bens cada vez mais necessários.

De qualquer modo, as áreas propostas pelo GT são territórios de ocupação tradicional. Sem estas terras, provavelmente não haverá futuro para esta sociedade. Percebe-se, apesar de toda luta dos últimos anos na garantia destas áreas, uma certa insegurança, resultado da pressão externa sobre as terras indígenas. Os Tenharim, em franco crescimento populacional, ocuparão em um futuro próximo, grande parte das Glebas Estirão Grande e Sepoti. Com o apoio da Fundação Nacional do Índio - FUNAI na busca de alternativas econômicas autossustentáveis, a população poderá garantir sua sobrevivência, realizando atividades que não degradem o ambiente.

V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

Os Tenharim localizados no Estirão Grande diferem do grupo do Marmelos. Não utilizam a língua indígena para se comunicar e possuem uma população relativamente pequena. Participam de um sistema regional de comércio com regatões que transitam pelo rio Marmelos, trocando produtos naturais por produtos industrializados. Entretanto estão perfeitamente articulados às tradições Kagwahiva, participando da vida sócio-cultural da aldeia localizada rio acima.

A diferença de outros povos indígenas, vivem nesta aldeia e realizam suas atividades produtivas no rio Sepoti. Neste rio, foi possível observar vários locais de antiga habitação, denominados pelos Tenharim como "capoeira dos antigos". Aldeias abandonadas, onde se vê ainda esteios das casas, cemitérios, fruteiras e roças, são encontradas em vários locais, principalmente nas proximidades da foz do Rio Sepoti.


Das aldeias encontradas, algumas, por serem recentes ainda estão na memória do grupo: Aldeia da Tugwara, onde residiu Tugwara, que veio junto com Mandoa'i para o Sepoti, aldeia Flechal, Poção e Seringal. Nesta última faleceu Raimunda filha de Mandoa'i.

Os Tenharim somam hoje 65 indivíduos. Boa parte dessa população está na faixa etária entre 0 e 19 anos. Com o seu crescimento a médio prazo e o projeto nativo de ocupar mais efetivamente o Sepoti teremos, possivelmente, mais de uma aldeia no futuro, localizadas tanto no Estirão Grande, quanto no rio Sepoti.

Recentemente os Tenharim receberam como doação do Conselho Indigenista Missionário - CIMI um motor de barco e decidiram iniciar a construção de uma aldeia no rio Sepoti. Até então não o haviam feito devido a distância deste rio da localidade mais próxima.

Existe entre os Tenharim uma certa disputa pelo poder local. Apesar dos conflitos internos, os Tenharim do Rio Sepoti reconhecem-se como um grupo coeso, vivendo no Estirão Grande e trabalhando no Sepoti.

A população atual está em franco crescimento, tendo um grupo de jovens que, em breve estará na idade matrimonial. É provável que estes jovens realizem seus casamentos com o grupo do Marmelos. Isto ocorrendo, aumentará a quantidade de pessoas que poderão utilizar-se potencialmente do Sepoti. Isto se deve ao fato de vigorar na sociedade Tenharim uma rigorosa regra de prestação de serviços ao sogro. Quando o indivíduo casa, deve

INSTITUTO

Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte: D.O.U. nº 163 (Seção 1)
 Data: 25/8/99 Pg. 7 cont.
 Class.: TMD 26(4)

trabalhar para seu sogro por um período de 5 anos ou para o resto da vida, dependendo do prestígio envolvido. Esta regra permite também, em se tratando de morador de outro local, que o sogro utilize os recursos oferecidos pelo território do genro. Os Tenharim do rio Marmelos (aldeia da Transamazônica), onde potencialmente casam-se os indivíduos do Sepoti, mostraram-se conhecedores do histórico deste grupo e da região ora em identificação. É evidente que haverá um trânsito de indivíduos entre estas áreas, num complexo sistema sócio-econômico-cultural.

Neste sentido, a consideração das glebas Estirão Grande e Rio Sepoti, da Terra Indígena Sepoti, deve levar em consideração os fatores referidos acima. O faccionalismo dos Tenharim pode, inclusive, levar famílias a se estabelecerem definitivamente no rio Sepoti e vice versa. Não há como definir a priori o contorno social destas áreas de uma maneira independente. Os grupos transitam, de acordo com um complexo sistema de poder político, de um local para outro. Um matrimônio ou um conflito, podem resultar numa reconfiguração, com novos locais de residência e novos arranjos de grupos políticos. Neste sentido, os grupos da Transamazônica e do Igarapé Preto possuem uma estreita relação com os moradores do Estirão Grande e têm acompanhado de perto todo o processo de identificação da TI Sepoti.

O primeiro vínculo do grupo do rio Sepoti com o grupo da Transamazônica e com o grupo do Igarapé Preto é consanguíneo. Além da consanguinidade, existem outras relações fundamentais, que estão pautadas no matrimônio. A regra social Tenharim, conforme dito acima, diz que um homem, ao se casar, deve prestar serviços ao seu sogro. Este vínculo, além de obrigar o genro a fazer roça para a família de sua esposa, obriga-o a ceder seus espaços de ocupação, tais como os castanhais.

Cabe aqui uma consideração com relação à própria ideia de residência. Embora não exista, até o presente momento, aldeia constituída no Sepoti, o período de permanência no local, residindo em pequenos tapiris, pode ser considerável. A safra de castanha ocorre entre novembro/dezembro e março e após esse período, os Tenharim permanecem na área por mais uma temporada, em busca de cipó e madeira. A aldeia do Estirão Grande fica como local efetivo de moradia no período da seca, entre junho e outubro, quando o Rio Sepoti baixa suas águas e não permite o trânsito em suas cabeceiras.

As relações rituais dos Tenharim do rio Sepoti também estão estreitamente relacionadas ao grupo da Transamazônica. Entre julho e agosto acontece, nesta aldeia, uma grande festa denominada Mboatava, que possui uma relação muito estreita com as atividades econômicas deste grupos.

Vários grupos de caçadores, convocados pelo organizador da festa, partem em diferentes direções e vão caçando e pescando ao mesmo tempo. Tudo é moqueado e alguns dias depois combina-se um determinado local próximo da aldeia (geralmente seguem em expedições de barco) para um encontro e posterior chegada triunfante de todos à aldeia. Quando os caçadores apontam à longa distância, os homens que ficaram já estão pintados e gritam e atiram para cima, saudando-os. O organizador da festa começa então a cantar e tocar flauta, andando ao redor das casas. A caça é cozida e parte do peixe é distribuído pelo organizador, juntamente com a farinha tradicional mandioca. A castanha é pilada, colocada para ferver com a anta moqueada e depois é servida com a farinha na forma de um pirão. Ao mesmo tempo, os homens começam a dançar em círculos no terreiro do grupo doméstico do organizador da festa. Todos devidamente paramentados com cocares e saias, portando longas flautas de bambu e acompanhados pela batida do pé direito no chão, dançam em círculos, apontando com suas Yreru (longas flautas feitas de bambu) para o centro. No semi-círculo dos dançarinos integram-se posteriormente as mulheres, que entram sob o braço de seus respectivos maridos.

Os Tenharim do Rio Sepoti participam ativamente da festa. Além disso, há grande probabilidade de o Sepoti ser utilizado para a produção da festa. Todo ano, um local é escolhido, em geral, rio Marmelos de montante para jusante, para a pesca e a caça. Possivelmente, com a posterior demarcação, o Sepoti poderá ser a fonte dos recursos para a realização da festa anual.

VI - SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

A TI Sepoti - glebas Estirão Grande e Rio Sepoti - não possui qualquer tipo de invasão por não índios. Isto se deve ao fato de ter havido um controle por parte dos Tenharim, que resultou no reconhecimento destas áreas como terra indígena. Entretanto durante a estadia do GT em Manicoré para o levantamento fundiário, apresentou-se um indivíduo se dizendo proprietário de parte do Sepoti. Valdenor Campos da Costa, grande proprietário em Manicoré e antigo regatão, apresentou quatro escrituras lavradas no Cartório do Segundo Ofício argumentando que isto caracterizaria parte do rio Sepoti como sua propriedade. Os Tenharim disseram conhecê-lo como um dos indivíduos que mandava funcionários retirar castanha do rio Sepoti e que em algumas ocasiões haviam sido expulsos.

Na cidade de Manicoré, o Grupo Técnico realizou levantamento exaustivo nos Cartórios. Antes mesmo do aparecimento de Valdenor Campos da Costa, a Oficial Titular do 1º Ofício, Maria Dineli Iannuzzi já havia emitido uma certidão negativa, caracterizando a inexistência de ocupantes não índios no rio Sepoti. As escrituras lavradas em cartório não são Títulos de Propriedade efetivos, mas Escrituras de Compra e Venda que não foram levadas em consideração nem mesmo pelo próprio cartório que as emitiu.

Foram realizados os levantamentos fundiários também nos Cartórios de Humaitá, pois a gleba Estirão Grande pertence a este município. Por ser uma pequena área já permanentemente ocupada pelos índios, não havia qualquer incidência de ocupantes não índios ou a existência de títulos de propriedade.

VII - DELIMITAÇÃO E CONCLUSÃO

A Terra Indígena Sepoti possui os limites definidos já há longa data; limites estes estabelecidos pela própria população Tenharim, que sempre esteve à frente na defesa de suas terras. Conhecedores dos processos que envolvem as identificações, os Tenharim, sempre que encontravam algum pesquisador na região, pediam para que o mesmo comunicasse à FUNAI da existência de suas terras. Com isto, os estudos de identificação e delimitação foram realizados, tendo a todo momento o acompanhamento e orientação Tenharim. Por ser uma sociedade do serviço da noiva, deve-se considerar um possível acréscimo populacional, com a vinda para o Sepoti dos grupos domésticos que englobam os moradores tradicionais do Sepoti. A superfície total delimitada pelo grupo técnico para a terra indígena Sepoti é de 247.859 ha e perímetro de 239 km (composta pelas glebas Estirão Grande, com superfície de 274 ha e perímetro de 7 km, e Rio Sepoti, com superfície de 247.585 ha e perímetro de 232 km). As duas glebas que em conjunto formam a Terra Indígena Sepoti, área de ocupação tradicional do povo Tenharim, são necessárias e imprescindíveis para a sobrevivência do grupo.

Desta perspectiva, o GT tentou levar em consideração todos os limites requeridos pelos Tenharim. A existência de escrituras de compra e venda não caracteriza a posse por não índios dentro da Terra Indígena. Durante a estadia no rio Sepoti não foram encontradas benfeitorias ou qualquer vestígio de uso da região por agentes exógenos. Por ser uma área de extrativismo, houve a necessidade de considerar limites que englobassem todos os castanhais de uso da população.

Do exposto, conclui-se que a Terra Indígena Sepoti - glebas Rio Sepoti e Estirão Grande -, conforme mapa e memorial descritivo a seguir, é uma área de ocupação tradicional e atende ao disposto pelo artigo 231 da Constituição Federal, pois compreende as áreas habitadas em caráter permanente, as utilizadas em atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao bem estar e à reprodução física e cultural do povo indígena Tenharim. Recomendamos, deste modo, a continuidade do procedimento administrativo de demarcação de acordo com o disposto no Decreto nº 1775, de 08 de janeiro de 1996.

EDMUNDO ANTONIO PEGGION
 Diretoria de Assuntos Fundiários - DAF
 Departamento de Demarcação - DED
 Memorial Descritivo de Delimitação

Denominação
 Terra Indígena SEPOTI
 Aldeia Integrante
 Estirão Grande
 Grupo Indígena
 Tenharim
 Localização

INSTITUTO
 Documentação
 FONTE: D.O.U. nº 163 (seção 1)
 Data: 25/8/99 Pg 8
 Class. TMD 26(5)

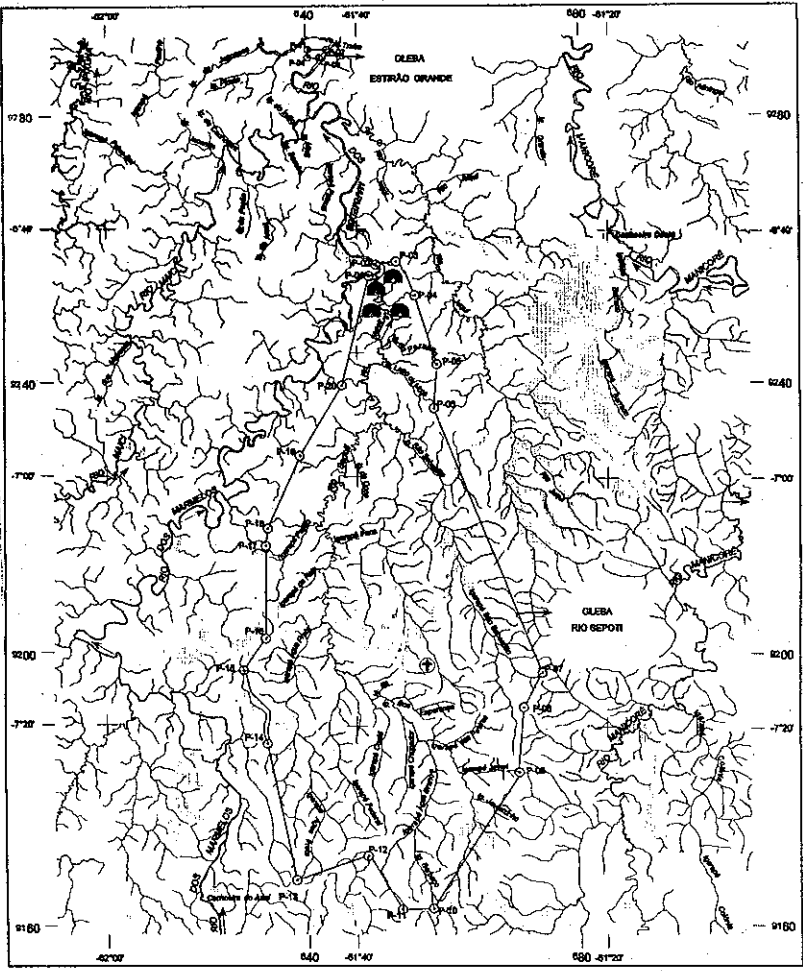
Extremos	Coordenadas dos Extremos		Longitude
	Latitude		
Norte	06°25'24"S		61°43'51"WGr.
Leste	07°15'39"S		61°25'13"WGr.
Sul	07°34'35"S		61°36'26"WGr.
Oeste	07°15'32"S		61°49'03"WGr.
Base Cartográfica			
Nomenclatura	Escala	Órgão	Ano
SB-20-Z-C-II e III; SB-20-Z-B-I e IV; SB-20-Z-A-II, III, V e VI; SB-20-Z-D-I	1:100.000	D S G	1979/1981/1987

Dimensões

Superfície: 247.859 ha (duzentos e quarenta e sete mil, oitocentos e cinquenta e nove hectares), aproximadamente.
 Perímetro: 239 km (duzentos e trinta e nove quilômetros), aproximadamente.

Descrição do Perímetro

GLEBA ESTRÃO GRANDE: Superfície: 274 ha (duzentos e setenta e quatro hectares) aproximadamente e Perímetro: 07 km (sete quilômetros) aproximadamente. NORTE: Partindo do Ponto 01, de coordenadas geográficas aproximadas 06°25'24"S e 61°43'51"WGr., segue por uma linha reta até o Ponto 02, de coordenadas geográficas aproximadas 06°25'24"S e 61°42'22"WGr., localizado na margem esquerda do Rio dos Marmelos; LESTE: Do ponto antes descrito, segue pelo referido rio, a montante, pela sua margem esquerda, até o Ponto 03, de coordenadas geográficas aproximadas 06°26'04"S e 61°42'56"WGr.; SUL: Do ponto antes descrito, segue por uma linha reta até o Ponto 04, de coordenadas geográficas aproximadas 06°26'04"S e 61°43'51"WGr.; OESTE: Do ponto antes descrito, segue por uma linha reta até o Ponto 01, inicial desta descrição. GLEBA RIO SEPOTI: Superfície: 247.585 ha (duzentos e quarenta e sete mil, quinhentos e oitenta e cinco hectares) aproximadamente e Perímetro: 232 km (duzentos e trinta e dois quilômetros), aproximadamente. NORTE: Partindo do Ponto 01, de coordenadas geográficas aproximadas 06°43'49"S e 61°39'04"WGr., localizado na margem direita do Rio dos Marmelos, segue pelo referido rio, a jusante, até o Ponto 02, de coordenadas geográficas aproximadas 06°42'54"S e 61°38'29"WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 03, de coordenadas geográficas aproximadas 06°42'38"S e 61°36'53"WGr.; LESTE: Do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, até o Ponto 04, de coordenadas geográficas aproximadas 06°45'24"S e 61°35'25"WGr., localizado na cabeceira de um igarapé sem denominação; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 05, de coordenadas geográficas aproximadas 06°50'57"S e 61°33'39"WGr., localizado na cabeceira do Igarapé do Peruano; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 06, de coordenadas geográficas aproximadas 06°54'28"S e 61°33'54"WGr., localizado na cabeceira do Igarapé Lago da Moça; daí segue por uma linha reta, até o Ponto 07, de coordenadas geográficas aproximadas 07°15'39"S e 61°25'13"WGr., localizado na cabeceira do Igarapé São Sebastião; SUL: Do ponto antes descrito, segue por uma linha reta até o Ponto 08, de coordenadas geográficas aproximadas 07°18'26"S e 61°26'41"WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 09, de coordenadas geográficas aproximadas 07°23'38"S e 61°27'01"WGr., localizado na cabeceira do Igarapé Javari; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 10, de coordenadas geográficas aproximadas 07°34'29"S e 61°33'56"WGr., localizado na cabeceira do Igarapé Barbaço; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 11, de coordenadas geográficas aproximadas 07°34'35"S e 61°36'26"WGr., localizado na cabeceira do Igarapé Água Branca; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 12, de coordenadas geográficas aproximadas 07°30'24"S e 61°39'07"WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 13, de coordenadas geográficas aproximadas 07°32'17"S e 61°44'51"WGr., localizado na cabeceira do Igarapé Água Preta; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 14, de coordenadas geográficas aproximadas 07°21'27"S e 61°47'09"WGr., localizado na cabeceira de um igarapé sem denominação, afluente da margem direita do Igarapé Água Preta; OESTE: Do ponto antes descrito, segue pelo referido igarapé, no sentido jusante, até o Ponto 15, de coordenadas geográficas aproximadas 07°15'35"S e 61°48'56"WGr., localizado na confluência de um igarapé sem denominação; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 16, de coordenadas geográficas aproximadas 07°12'59"S e 61°47'15"WGr., localizado na cabeceira do Igarapé Pavão; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 17, de coordenadas geográficas aproximadas 07°05'40"S e 61°47'17"WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 18, de coordenadas geográficas aproximadas 07°04'15"S e 61°47'08"WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 19, de coordenadas geográficas aproximadas 06°58'22"S e 61°44'35"WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 20, de coordenadas geográficas aproximadas 06°52'39"S e 61°41'12"WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto 01, inicial desta descrição. Responsável Técnico pela Identificação dos Limites: Sebastião Carlos Baptista, Engenheiro Agrimensor - AER/MAO, CREA SP - 77.147/D



INSTITUTO

Documentação

SANCCIONAMENTAL

Fonte D.O.U. nº 163 (seção 1)

Data 25/8/99 Pg 8 cont.

Class. 1103.86.2

OFICIAL

Nº 163 QUARTA-FEIRA, 25 AGO 1999

- SINAIS CONVENCIONAIS**
- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
 - ⊕ PORTO INDÍGENA, CAMPO DE POUSO
 - ▲ ALDEIA INDÍGENA, MALUCA INDÍGENA
 - △ MARCO DE DIVISA, PONTO DE SATELITE
 - PONTO DIGITALIZADO, DIREÇÃO DE CORRENTE
- QUEBRA ESTRADA GRANDE 274 Ha
- QUEBRA RIO SEPOTI 247.889 Ha

TERRA INDÍGENA SEPOTI		DELIMITAÇÃO	
Município: MANICORÉ e HUMAITÁ		Superfície: 247.889 Ha	Perímetro: 238 Km
Estado: AMAZONAS		Escala: 1:650.000	Data: 29/06/99
Município: MANAUS		Processo: 2812/98	Base Cartográfica: MT: 1002, 1081, 1160, 1181 e 1239
Resp. Téc. Operação Limites: EDUARDO ANTÔNIO DE FREITAS JUNIOR/IBRAC	Resp. Téc. Identificação Limites: BRASÍLIO CALLOS BAPTISTA/IBRAC	Resp. Técnico do Setor: MARCOS FRANCISCO COLINDO/IBRAC	Portaria nº: 308/PRES/98